

## O QUE NOS CONTAM AS IMAGENS FOTOGRÁFICAS SOBRE O BILINGUISMO PARA SURDOS: olhares sobre uma escola de surdos no Rio Grande do Sul nos anos 90 do século XX

NATHIELLE FRANCOS DA SILVA<sup>1</sup>;  
MADALENA KLEIN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – nathifrancos@yahoo.com.br*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – kleinmada@hotmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se a um recorte de minha dissertação que encontra-se em fase de desenvolvimento, e que tem como objetivo analisar práticas pedagógicas registradas em fotografias em uma escola de surdos no Rio Grande do Sul. Entretanto para o momento, trago para análise uma situação de como a língua de sinais é apresentada na escola, bem como os tencionamentos através de um proposta bilíngue que com ela surge.

Para esta escrita, não irei me deter em realizar uma análise documental de interpretação de imagens (Bonsack, 2007), o que desenvolvo em minha pesquisa de mestrado. Meu foco aqui é outro, ou seja, é compartilhar um dos dados que durante minha pesquisa evidenciaram-se como significativo, e assim descreve-lo, analisa-lo, refletir através de referencial teórico e de problematizações que o mesmo anuncia. Parto do olhar atento às imagens do acervo, mas me detengo ao que está efetivamente registrado nas fotografias, em um determinado período da escola.

Para o desenvolvimento deste trabalho, trago as contribuições de autores da educação de surdos, tais como Maura Lopes (2011) e Ronice Quadros (1997); ambas me auxiliaram a refletir sobre a língua de sinais, fornecendo subsídios para a realização de minhas análises.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo e a metodologia utilizada parte de uma pesquisa bibliográfica que dá suporte para realizar as discussões e reflexões a respeito dos dados encontrados.

Para desenvolver esta pesquisa, realizei visitas à escola e recorri a buscas no acervo fotográfico da mesma. Saliento que alguns álbuns encontrados são específicos para o armazenamento de fotografias, já em outros, há recortes de jornais antigos, compõendo o arquivo de notícias e imagens alusivas ao período histórico da época descrita nesses álbuns.

Devido a temporalidade das fotografias ser ampla, pois analisei imagens de 1960 até 2010, para o momento me detengo em algo mais específico para essa escrita. Para adensar meus estudos direcionei o olhar para os álbuns da década de 90, pois observei que neste determinado período há questões que vem contribuir com as discussões acerca da língua de sinais, bem como do bilinguismo na educação de surdos, tema que vêm configurando as pautas das discussões atuais na área.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O acervo fotográfico da escola na qual realizei a pesquisa é composto por um número considerável de fotografias armazenadas em sacos plásticos e por aproximadamente 17 álbuns, alguns possuindo identificação temporal, identificação individual por fotografia e organização por temáticas. Já outros álbuns possuem identificação limitada, o que por vezes dificultou algumas análises mais detalhadas.

Detive-me em explorar mais minuciosamente um determinado álbum, pois ao observar e analisar a composição geral do mesmo, percebi que neste, em específico, havia indícios através dos registros, ora de fotografias, ora documental, da visibilização da língua de sinais na escola.

Este álbum, em relação a temporalidade, referece aos anos 1994 – 1995, sendo que me detenho, mais especificamente ao ano de 1995, em que há documentos e registros fotográficos do curso que a escola realizou institulado “Dinâmica Escolar e Linguagem de Sinais” tendo como foco profissionais da saúde, educação ou estudantes.

Realizo esse resgate para refletir que na década de 90 a língua de sinais ainda era referida como linguagem. Entende-se por linguagem a capacidade de representar o pensamento e estabelecer uma comunicação, contudo, ao denominar a língua de sinais como uma linguagem, não há o reconhecimento de seu estatuto linguístico, e a limitando, em muitos casos, à recurso de comunicação. Percebe-se que mesmo sendo uma escola de surdos, o uso da Língua brasileira de sinais – Libras, ainda não era legitimada como língua dentro do espaço escolar.

Cabe salientar que mesmo sendo uma língua utilizada pelas comunidades surdas no Brasil, a Libras ganha o reconhecimento somente sete anos depois, a partir da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que diz :

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Em relação ao curso realizado na escola naquele momento, podemos realizar uma pequena análise sobre o público alvo, pois o curso era destinado a profissionais da saúde e educação, relação esta bastante frequente, uma vez que naquele momento a Educação de Surdos tinha uma forte interferência da área da saúde. Segundo Lopes (2011, p.43) “a surdez, entendida como um problema de saúde, castigo ou algo a ser corrigido, era tratada de forma a minimizar seus efeitos aparentes (...)” e a instituição escolar também era vista como um lugar para que tal correção acontecesse.

No cronograma deste curso, observa-se que a maior parte da carga horária estava destinada a aulas de “linguagem de sinais”, na perspectiva da comunicação total (assim nomeado). A comunicação total naquele momento era “vista como uma forma mais aberta e flexível de comunicação surda”(LOPES 2011,p.63), sendo assim a forma aceita e legitimada na época.

Mesmo neste curso, que teve duração de quatro meses, tendo como foco abordagens clínicas e educacionais, por vezes de correção, foi possível verificar pela sua programação, que já havia, mesmo de forma sutil, uma reflexão inicial sobre o bilínguismo, pois em apenas uma aula, de forma modesta, comparando com as demais, havia uma aula com o nome de “Proposta Bilingue”, ministrado

pela professora Ronice Quadros, autora de referência na área da Educação de Surdos, que, desde a década do referido curso, vem estudando acerca desta temática, com ênfase no bilínguismo para surdos. A autora comprehende que:

Se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais. A proposta bilíngue busca captar esse direito. (Quadros, 1997 p.27)

No mesmo período, encontrei uma fotografia que registra a organização de curso de Língua de Sinais para as mães dos alunos da escola. A fotografia que faz referência a este momento registrou mães, juntamente com seus filhos, no pátio da escola em um dia de comemoração ao dia das mães. Estas mães seguram em suas mãos certificados alusivos ao término do curso de Língua de Sinais.

Diante disso, observamos que naquele momento, de uma maneira preliminar, a escola iniciava uma discussão relativa ao bilinguismo, tema que hoje vem ocupando de forma privilegiada as pautas de discussões de educadores e da comunidade surda.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao longo deste estudo, foi possível verificar que a escola considera esses cursos momentos significativos, pois cronogramas e as fotografias a respeito dos mesmos encontram-se guardados em acervo da instituição.

Ainda, é notório como era estruturado curso sobre a Educação de Surdos da época, pois era abordado assuntos da educação bem como da área da saúde. Entretanto, de maneira sutil, temos um dado relevante: já naquela época a escola de uma forma sutil realizava discussões a respeito do sujeito surdo, bem como sua primeira língua, a língua de sinais. Indicavam a emergência de novas práticas, as quais vem se consolidando, na atualidade, na perspectiva da valorização da língua de sinais e de uma educação bilíngue para os surdos.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOHNSACH, R. A interpretação de imagens e o Método Documentário. **Sociologias**, Porto Alegre, n.18, p.286 – 311, 2007.

BRASIL, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

LOPES, M.L. **Surdez e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

QUADROS, R.M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.